

O TEMPO DE ESTUDO AUTÓNOMO: CONTINUIDADE PEDAGÓGICA ENTRE O 1.º E O 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Valter Rato

valterespanhol1@gmail.com

Escola Básica Marquesa de Alorna (Lisboa)

Susana Ramalho

susanaa.ramalho@gmail.com

Academia São Miguel dos Arcos (Paço de Arcos)

Tânia Correia

taniacorreia.pilotodiese@gmail.com

Colégio Piloto Diese (Lisboa)

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.100>

O Tempo de Estudo Autónomo no 1.º Ciclo e no 2.º Ciclo

O Tempo de Estudo Autónomo (TEA) foi uma rotina diária, no caso das duas turmas de 1.º ciclo e de uma das turmas de 2.º ciclo. Neste último caso, a turma beneficiou de cinco momentos de TEA por semana. Cada momento teve a duração de uma hora e foram distribuídos pelas seguintes disciplinas: Português, Inglês, História e Geografia de Portugal, Ciências Naturais e Matemática. Por outro lado, as outras duas turmas de 2.º Ciclo tinham à sua disposição, salvo algumas exceções, uma aula semanal de cinquenta minutos para o trabalho em TEA.

Durante este momento, os alunos estudam, treinam, consolidam, aprofundam e verificam conteúdos e competências “explorados nos momentos de trabalho participado pela turma, nos projetos e nas demais situações de aprendizagem e interação” (Louseiro, 2019, p. 226). Cada aluno pode trabalhar autonomamente, ser ajudado por um outro

colega ou por professores.

De seguida, apresentaremos os três momentos processuais do trabalho durante o TEA: (i) a planificação; (ii) o processo; e (iii) a avaliação.

Planificação

O Plano Individual de Trabalho (PIT) é, segundo Louseiro (2019), “o documento regulador do TEA, em que se articula o planeamento, a realização das atividades e a sua avaliação, como um espelho da ação de cada aluno” (p. 226).

Deste modo, no princípio da semana, no caso das duas turmas de 1.º ciclo (Figuras 1, 2 e 3), da quinzena, no caso de uma das turmas de 2.º ciclo (Figuras 4), ou até mesmo do mês, no caso das restantes turmas do 2.º ciclo (Figura 5), os alunos registavam o número de atividades por conteúdos e disciplinas que pretendiam realizar durante os momentos de TEA. Esta marcação decorria de uma avaliação formativa, em que os professores e os colegas faziam do trabalho que cada aluno executava durante os momentos de TEA, que acontecia, sobretudo, em Conselho de Cooperação Educativa¹.

Two examples of PIT forms for 1st cycle students. The forms are titled 'Plano Individual de Trabalho' and contain a grid for recording activities and a section for evaluation.

Figuras 1 e 2. - Exemplos de PIT's do 1.º ciclo. O primeiro é referente ao 1º ano e o segundo ao 2.ºano

An example of PIT form for 3rd and 4th years. The form is titled 'PLANO INDIVIDUAL DE TRABALHO' and contains a grid for recording activities and a section for evaluation.

Figura 3. - Exemplo de PIT do 3.º e 4.º anos

1 O Conselho de Cooperação Educativa é, como o nome indica, um organismo de cooperação em que alunos e professores partilham ocorrências positivas e negativas da vida de cada turma e ainda propostas de atividades. É, igualmente, neste momento que se realiza a avaliação dos PIT's e do TEA.

dificuldades torna o registo da planificação um momento muito mais consciente do que são as aprendizagens dos alunos.

Estes assumem um compromisso com o grupo e o(a) professor(a), responsabilizando-se pelo seu trabalho e pelo percurso que deve realizar para colmatar as suas fragilidades. É, por isso, um momento em que se aprende “a estudar, a ser autónomo e cooperante num clima de afectividade que opõe a cooperação à competição” (Grave-Resendes & Soares, 2002, p. 89).

É neste momento que, conjugando interesses e dificuldades, os alunos vão ultrapassando obstáculos à aprendizagem detetados em momentos de trabalho coletivo ou, aquando da realização de fichas, estabelecendo-se parcerias de trabalho. Este momento visa, essencialmente pelas suas características, o desenvolvimento da autonomia, cooperação e responsabilidade pelo processo de aprendizagem.

Processo

À medida que os alunos vão realizando as atividades que planearam no PIT, vão assinalando-as, igualmente, neste mesmo documento.

Este instrumento não foi sempre o mesmo ao longo do ano, uma vez que era refletido, em grande grupo, a pertinência e a inclusão de algumas atividades, a formatação do próprio instrumento, entre outros aspetos.

Durante o TEA, os alunos tinham à sua disposição um menu de atividades que poderiam realizar: fichas de ficheiro (breves exercícios de um conteúdo referentes a uma determinada disciplina); experiências; leitura de livros da Biblioteca de Turma; estudo de conteúdos formalizados em apontamentos, cartazes, livros, entre outros; escrita e revisão de diversos géneros textuais; exercícios do manual e/ou do caderno de atividades (no caso de duas das turmas de 2.º ciclo, uma vez que as restantes turmas não possuíam manuais escolares); realização de esquemas; resumos; fichas de verificação dos conteúdos trabalhados; *quizz* a pares ou a trios, tendo por base uns cartões (oferecidos por uma editora aos professores) ou tendo por base perguntas do manual.

As escolhas das atividades acima mencionadas são também orientadas pelo feedback que é feito ao trabalho realizado, pelos professores ao longo da duração do respetivo TEA e no Conselho de Cooperação Educativa (Figura 6). Desta forma, as atividades realizadas no TEA foram variadas, promovendo-se o treino das aprendizagens em que os alunos sentiram fragilidades e sobretudo o trabalho de forma autónoma.



Figura 6. - PIT com atividades realizadas por um aluno e respetiva auto e heteroavaliação

Para que estas atividades decorram de forma mais autónoma possível, é fundamental que o ambiente pedagógico tenha instrumentos e ferramentas para que os alunos possam recorrer para a sua realização. Deste modo, eles são convidados a procurar os ficheiros e materiais para que concretizem as suas aprendizagens. A título de exemplo, mostramos evidências do cenário pedagógico das turmas do 1.º ciclo (Cf. Figuras 7, 8, 9, 10, 11 e 12).



Figura 7. - Listas de palavras construídas em Trabalho Comparticipado de Português



Figura 8. - Bancada de ficheiros com cadernos dos alunos

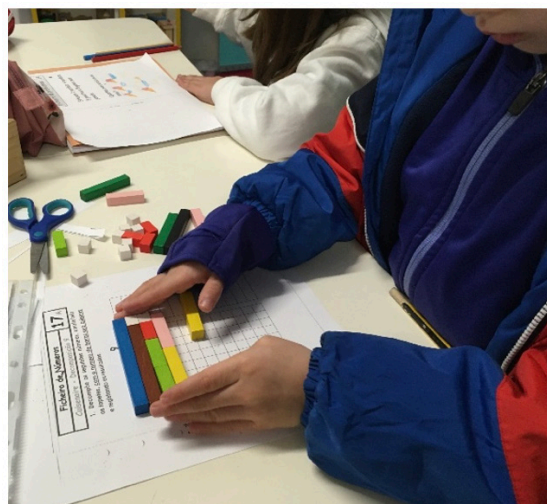


Figura 9. - Trabalho com material manipulável - Cuisenaire



Figura 10. - Placard de textos construídos pelos alunos e reta numérica



Figura 11. - Leituras na Biblioteca de Turma

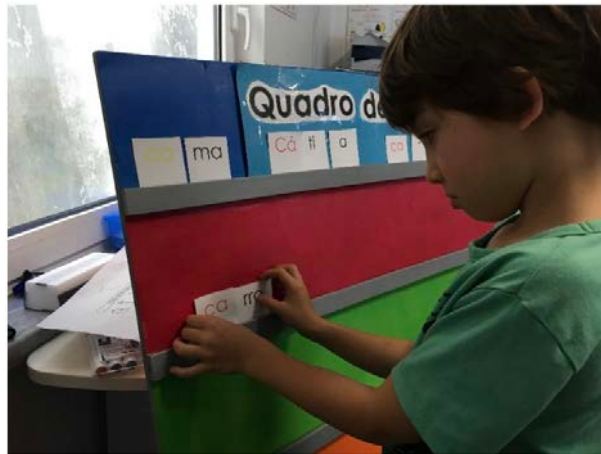


Figura 12. - Trabalho de um aluno de 1.º ano no quadro de pregas

No decorrer das aprendizagens realizadas anteriormente, os alunos procuravam às 3.ª e 5.ª feiras, fichas de verificação. Estas são um instrumento de validação dos conteúdos do programa oficial utilizado em todas as turmas. No caso do 1.º ciclo, cada sala possui as listas de verificação (Figura 13) onde constam todas as metas a ser atingidas por cada aluno, no ano em que se encontra matriculado. Todas as fichas dos ficheiros e fichas de verificação têm a mesma meta inscrita, para que os alunos, de forma autónoma, procurem a meta em que sentem maior dificuldade, sem que necessitem da presença constante do adulto, para este processo.

The image shows three vertical sheets of paper pinned to a blue board. Each sheet is a 'Lista de Verificação' (Verification List) for a specific subject: 'PORTUGUÊS 1.º CICLO', 'MATEMÁTICA 1.º CICLO', and 'ESTUDO DO MEIO 1.º CICLO'. Each sheet contains a grid of student names and checkboxes for tracking progress or completion of tasks.

Figura 13. - Listas de Verificação das turmas do 1.º ciclo referentes às disciplinas de Português, Matemática e Estudo do Meio

As parcerias de trabalho, quer entre aluno-aluno quer entre aluno-professor eram também marcadas no PIT dos alunos em questão após a avaliação do grupo no Conselho de Cooperação Educativa. O registo coletivo das parcerias (Figura 14) era também afixado na sala como um memorando e um compromisso de todos para todos.

The image shows a weekly support table titled 'Apoios' (Support). It is organized by day of the week: 'segunda-feira', 'terça-feira', and 'quarta-feira'. Each day has two columns: 'Parceria' (Partnership) and 'Tipo' (Type). The table is currently empty, intended for recording student partnerships and the types of support they receive.

Semana					
Apoios					
segunda-feira		terça-feira		quarta-feira	
Parceria	Tipo	Parceria	Tipo	Parceria	Tipo

Figura 14. - Tabela semanal dos apoios das turmas de 1.º ciclo

Com efeito, no entender de Pereira (2019), as parcerias de trabalho são importantes em dois aspetos: “tanto para os alunos que têm dificuldades como para os outros que pensam já dominar determinado conteúdo, para que estes tomem maior consciência das suas próprias dúvidas” (p. 88). Assim, “Cada um sabe que faz parte do processo de todos e, por isso, disponibiliza-se para cooperar e põe o seu conhecimento, experiência e habilidade natural ao serviço dos outros, numa lógica de autêntica reciprocidade” (Louseiro, 2019, p. 227). Esta dinâmica espelha uma organização cooperada: um aluno que dominava mais um conteúdo podia trabalhar com um colega e vice-versa. Esta ideia de cooperação está subjacente no documento oficial, *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória* (cf. Martins, 2017), uma vez que neste se defende a concretização de estruturas de cooperação para uma formação global do aluno/cidadão.

Para além destas parcerias, durante o TEA houve um acompanhamento individualizado dos alunos mediante as necessidades emergentes que iam surgindo. Estes momentos foram regulados pela tabela das ajudas (Figura 15) na medida em que quem precisasse de um apoio específico se inscrevia na tabela bem como quem pudesse ajudar (professor ou mesmo um ou mais colegas), mediante o conteúdo.

AJUDAS

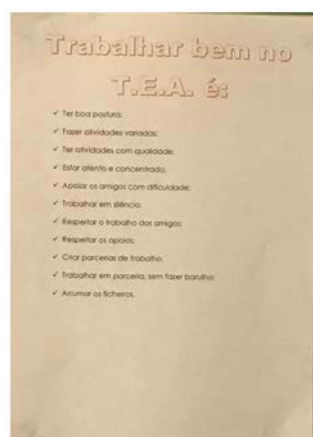
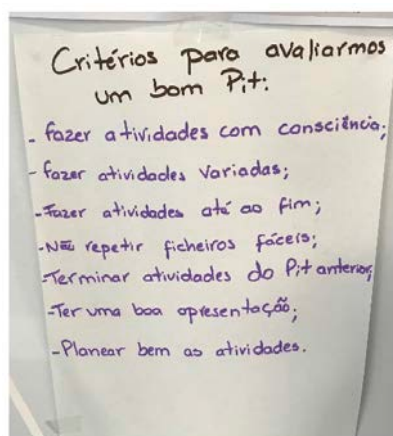
Data	Quem precisa de ajuda	Tema	Quem pode ajudar

Figura 15. - Tabela semanal das ajudas

No entanto, tomando o caso concreto do 1.º ciclo, houve, no início do ano letivo, alguma dificuldade no estabelecimento de parcerias porque alguns alunos começaram por confundir o trabalho em parceria com “os melhores a ajudarem os que têm dificuldades”. Foram inúmeras as vezes em que a questão das parcerias foi analisada e discutida em Conselho de Cooperação Educativa até se chegar ao entendimento que uma parceria compreende cooperação e, como tal, ambos trabalham em prol do mesmo: a troca de experiências e de conhecimentos que enriquece ambos.

Como se pode constatar, o TEA é um importante momento em que os alunos progridem nas suas aprendizagens. Para que este momento decorra de forma organizada e consciente, é necessário que existam

regras de trabalho, combinadas com o grupo, desde o início do ano (Figuras 16 e 17). Estas regras foram listadas e, permanentemente, refletidas em Conselho de Cooperação Educativa. Mestre (2017) defende que é importante se “construir com as crianças os critérios de avaliação das várias atividades [...] para que haja um maior controlo e regulação dos processos de trabalho por parte delas próprias” (p. 84). Este autor acrescenta ainda que esta dinâmica permite “desocultar os processos de tomada de decisão que toda a avaliação implica, possibilita-se que se efetive ainda mais a gestão cooperada das aprendizagens” (p. 84). É ainda de acrescentar que estas regras são fundamentais para que, no momento da autoavaliação dos alunos, esta seja feita de forma coerente e reflexiva, refletindo sobre o trabalho realizado e sobre as propostas de trabalho para melhorar.



Figuras 16 e 17. - Critérios para um bom PIT e regras para trabalhar bem no TEA


De seguida, mostrar-se-á evidências de duas das turmas de 2.º ciclo. Numa das escolas, duas das turmas eram compostas por alunos de diferentes nacionalidades: nepalesa, indiana, ucraniana, chinesa, brasileira e, como seria de esperar, portuguesa. É também de salientar o facto de as turmas apresentarem alunos, denominados até há pouco tempo, com necessidades educativas especiais, como por exemplo, o caso de um aluno estar a seguir o currículo do 4.º ano de escolaridade. Deste modo, o TEA foi o momento por excelência para se diferenciar o ensino de modo a que estes alunos progredissem nas suas aprendizagens.

Os alunos de nacionalidade nepalesa e chinesa tinham algumas dificuldades na compreensão, na expressão e na leitura em língua portuguesa. Estavam mais familiarizados com a língua inglesa, pois falavam-na com alguma frequência nos seus países maternos. Desta forma, não fazia sentido realizarem os mesmos exercícios que os restantes colegas, uma vez que não compreendiam o que tinham de fazer. Assim, foram-lhes sendo entregues fichas adaptadas de consolidação dos conteúdos trabalhados. Numa primeira fase, estas fichas apresen-

tavam enunciados duplos: em português e em baixo a respetiva tradução para inglês (Figura 18).

Nome (Name): Ruman Data (Date): ___/___/___

1. Observa o mapa.
(Observe the map.)



2. Escreve o nome dos oceanos no local correto. ✓
(Write the name of the oceans in the right place.) ✓

Oceano Atlântico	Atlantic Ocean
Oceano Pacífico	Pacific Ocean
Oceano Índico	Indian Ocean
Oceano Glacial Ártico	Arctic glacial ocean
Oceano Glacial Antártico	Antarctic glacial ocean

Figura 18. - Ficha realizada pelo aluno de nacionalidade nepalesa

Em meados do ano letivo, os enunciados das fichas vinham apenas em português devido ao avanço que estes alunos tinham realizado na língua portuguesa e também por constituir uma estratégia de desafio para estes, saindo, desta forma, da sua zona de conforto.

Durante a realização destas fichas, estes alunos poderiam ser ajudados pelo professor e/ou pelos colegas. Na turma do aluno de nacionalidade nepalesa, o seu colega de nacionalidade indiana ajudava-o recorrentemente na compreensão de algum conteúdo, quando este estava a ser trabalhado em grande grupo, em exercícios de consolidação e ainda na resolução das referidas fichas.

Logo no princípio do ano letivo, e de forma mais espaçada ao longo do mesmo, os dois alunos referidos anteriormente realizavam fichas sobre alguns aspetos e características do seu país de origem (Figura 19) e também sobre Portugal.

Nome (Name): _____ Data (Date): ____/____/____

1. Observa a bandeira da China.
(Observe the flag of China)



1.1. Ligo corretamente.

(Link correctly the left column element to the right correspondent one)

Cor vermelha (The colour red)	o Partido Comunista (The Communist Party)
Estrela grande (Big star)	Brilho da luz (The gleam of light)
Estrelas pequenas (Smaller stars)	Revolução e o Partido Comunista (Revolution and The Communist Party)
Cor das estrelas (Colour of the stars)	Povo chinês (Chinese People)
Posição das estrelas (Stars position)	União do partido com o povo (Union between chinese people and the Party)

Nome (Name): Raman Data (Date): 24, 04, 2018

1. Pinta a bandeira do teu país.
(Paint the flag of your country.)

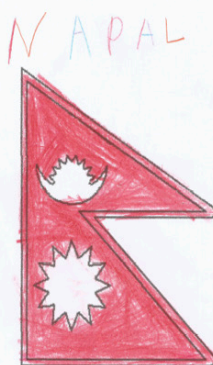


Figura 19. - Exemplos de fichas sobre o país de origem de dois alunos (à esquerda uma ficha do aluno de origem chinesa e à direita do aluno de origem nepalesa)

Estas atividades permitiam: em primeiro lugar, que estes alunos atribuíssem algum significado, interesse e motivação às atividades que realizavam em vez de trabalharem conteúdos que de pouco lhes diziam respeito; em segundo lugar, que fizessem a ponte com os conteúdos que estavam a ser trabalhados na disciplina de HGP; e, por último, que se constituísse um ponto de partida para a realização de trabalhos por projetos (Figura 20) sobre os seus países de origem e que, posteriormente, pudessem partilhar com os seus colegas. Os grupos de trabalho destes projetos eram compostos por alunos com ritmos de aprendizagem diferentes.



Figura 20. - Slide introdutório do Powerpoint "A China no século XXI"

Com efeito, foram realizados projetos a partir dos conteúdos do programa da disciplina e sobre o país de origem de alguns alunos. Estes projetos partiram, assim, dos interesses dos alunos. A título de exemplo, foram realizados projetos sobre o Nepal, o Brasil, a França e a China. Como se pode verificar, o professor e os alunos aceitaram a heterogeneidade da turma, sendo esta potenciadora de aprendizagens várias

para todos os alunos (cf. Grave-Resendes & Soares, 2002).

No caso do aluno que estava a seguir o currículo do 1.º ciclo, a dinâmica foi um pouco semelhante. Durante o TEA, este realizou sobretudo fichas adaptadas que iam sendo construídas pelo professor, e em que se baseava nos objetivos do 4.º ano (cf. Ministério da Educação, 2018), pois é neste ano que se trabalha a História de Portugal. Estas fichas apresentavam-se com uma linguagem clara e objetiva, com perguntas, maioritariamente, de resposta fechada. Estes materiais de consolidação foram todos compilados numa pasta de modo a constituir um segundo manual para este aluno.

Avaliação

A avaliação deste momento tem duas componentes: a autoavaliação e a heteroavaliação. A autoavaliação de cada aluno acontece no último momento semanal/quinzenal/mensal de TEA, em que professores e alunos analisam todo o trabalho produzido ao longo da semana. Mais tarde, em Conselho de Cooperação Educativa, à 6.ª feira, os alunos oferecem-se para apresentar os PIT's, justificando a sua opção. Apresentam o número e o tipo de atividades desenvolvidas, individualmente, a pares ou em grupo. Refletem também acerca dos apoios estabelecidos ou parcerias criadas durante o seu trabalho. Analisam-se dificuldades e estabelecem-se metas para a semana seguinte. O grupo também comenta o trabalho dos colegas, ajudando desta forma, na reflexão consciente da diagnose de dificuldades e de propostas para melhorar as capacidades dos colegas.

Considerações Finais

De acordo com o número 2 do Artigo 2.º da Lei n.º 46/1986, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo) “É da especial responsabilidade do Estado promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares.” Todavia, ainda hoje perdura “a matriz seiscentista do trabalho escolar traçada por La-Salle” em que existe “o mesmo livro para todos, um horário de trabalho escolar bem calculado para evitar tempos mortos e ociosidade, controlo do espaço: um local fechado e lugares fixados para cada aluno, vigilâncias organizadas: as deslocções, a postura e a conduta do aluno são codificadas, o saber adquirido é controlado: transita-se de um nível para outro após exame, formação

cristã e civildade vigiadas, um sistema de prémios e de castigos racionalizados” (Niza, 2007, p. 39).

Como se teve oportunidade de verificar ao longo deste texto, o TEA permite organizar o espaço educativo e o tempo para o trabalho de acompanhamento individual dos alunos (diferenciação pedagógica) em espaços de trabalho para as diferentes áreas do currículo, em recursos educativos, instrumentos e materiais e na agenda de trabalho. Permite ainda a criação de parcerias de trabalho, entre alunos e professores, para superação de dificuldades, um trabalho autónomo de acordo com as necessidades de cada um, um apoio rotativo e individualizado do professor aos alunos em dificuldade, o registo do trabalho realizado nos instrumentos de pilotagem para monitorização e avaliação do trabalho realizado. Filipe (2019) defende mesmo que “O grande desafio é materializar a ideia de que cada um de nós é responsável pelo outro, que a aprendizagem e o alcance de objetivos traçados pelo grupo é um processo solidário” (p. 229).

O TEA é, assim, um “dispositivo muito importante para se conseguir na escola uma educação inclusiva, não só porque se faz avançar as aprendizagens em que os alunos não conseguiram, de forma independente, atingir o sucesso, mas, sobretudo, pela diferenciação do trabalho que as diversificadas dificuldades de cada um implicam. Como tal, é um tempo de promoção continuada da justiça escolar” (Serralha, 2007, p. 174).

Referências

Filipe, J. (2019). O Conselho de Cooperação Educativa na gestão do currículo. *Movimento de Escola Moderna*, (7), 229-234.

Grave-Resendes, L. & Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Universidade Aberta.

Louseiro, M (2019). O Conselho de Cooperação Educativa na gestão do currículo. *Movimento de Escola Moderna*, (7), 222-229.

Martins, G. O. (Coord.) (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Ministério da Educação.

Mestre, L. (2017). Gestão cooperada do currículo no 1.º ciclo – Um percurso. *Movimento de Escola Moderna*, (5), 79-90.

Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: Estudo do Meio – 4.º ano*. Ministério da Educação.

Niza, S. (2007) As Práticas Pedagógicas contra a Exclusão Escolar no Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, N.º 30, 5.ª Série, 38-44.

Pereira, C. (2019). A entrada na profissão no contexto do Movimento Escola Moderna. *Escola Moderna*, (7), 81-98.

Serralha, F. (2007). *Socialização Democrática na Escola: O desenvolvimento sociomoral dos alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico* [Tese de Doutoramento não publicada]. Universidade Católica Portuguesa.